

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GARCIA

Redacção, Administração e Officinas de Compozição e Impressão

RUA TOBIAS, 43-LISBOA



SOCIEDADE PORTUGUEZA
D. IDA BLANCK, NOTAVEL AMADORA DE CANTO

Assignatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colónias e Hespanha:	Por anno.....	18800 réis
	• semestre.....	25400 •
	• trimestre.....	18200 •
Assignatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Numerístico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa» Portugal, colónias e Hespanha	Por anno.....	88000 réis
	• semestre.....	48000 •
	• trimestre.....	28000 •
	mez (em Lisboa).....	700 •

LOCAO DE QUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS OBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medico na de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo. L. DE QUEANT Pharmaciao 38 Rue d'Anjou Saint Martin. Em LISBOA, 19 Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas. A Venda se torna as boas casas de PORTUGAL.

Só não tem cabelo nem barba quem quer!

*Fazemos nascer cabelo aos calvos e barbas aos sem ella em 20 e 25 dias. Garante-se que não é nocivo. Remette-se com toda a discreção. Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso **balsamo Mootay** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grão de imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde! Homem notavel e não notavel, todo nos tem vindo pedir o nosso conselho. Em todos os países da Europa e America, em muitos lugares da Africa e da Asia ella é o nosso **Mootay** conhecido e apreciado. P'de-se por is o dizer, eo a verdade le, que gosta de fumar univ real. O rego para o **Mootay** é de 25515 ré e po' porção (uma porção chega perfita nento). O pedido de 2 porçõ s, uma para a barba e outra para o cabelo, tem a preço especial de 25515 ré. Com cada porção va: um CERTIFICADO DE GARANTIA - elo qual nos obrigamos a dar out a vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum.*



Se isto não for verdade pagamos ao comprador a quantia de 300\$000 (trezentos mil reis).

Para prevençõ contra as imitações e fal os remedios fazemos voltar que todos os pacotes tem em recinta a palavra **Mootay**. Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais affastadas, com a exalligação clara da maneira de ser usado e com o certifi-cado de garantia, em portuguez, contra julgamento ad arbitrio ou pa amonio pelo correio n' a parte da ent e a. Us praças do exercito do ultimamar só se envia o **Mootay** se a ordem vier acompanhada da respectiva quantia em cheque sobre a Esq ou fir expedida por casas exportadoras de Hamburgo.

Mootay depôt

Holmens Kanal 28 Kopenhagen 133.

O MAIOR E MAIS IMPORTANTE ESTABELECIMENTO DA ESPECIALIDADE NA EUROPA

Meio seculo de successo ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente. GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil. Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



PARFUM
POMPEIA

L.T. PIVER
PARIS

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO DR. FRANCK

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

Contra FALTA de APPETITE — PRISÃO de VENTRE OBSTRUÇÃO — ENXAUCECA — CONGESTÕES

SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomão nas refeições e excitio o appetite. Exijam a Esquetea junta em 4 Côres.

T. LEBROY, 96, Rue d'Amsterdam, Paris e todas Pharmacias.

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-LISBOA

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens e rotatorias a preços reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

Preço 400 réis

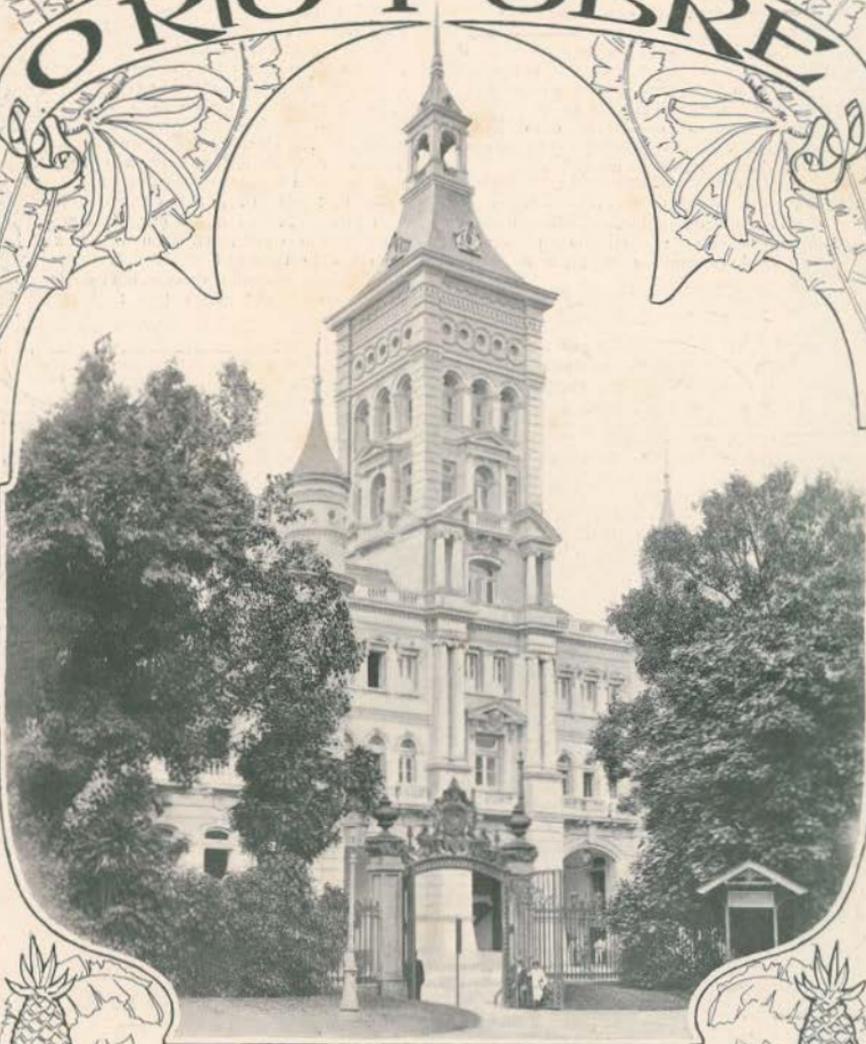
36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exp. Agricola de Lisboa

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas consequencias é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar)

Em todas as Pharmacias, - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula

O RIO POBRE



A fachada do corpo de bombeiros

(Cliché de A. MALTA)

Novembro, 21.

«Sabras que a filha da jarreta a preciosa que se casou no porto com um caxeiro prossevil tu se um dia chegares a casar não quero que cases prossevil quero que os papeis cá sejam corridos na igreja porque os da Alexandrina também cá foram corridos arrecebe muitas visitas da estru-des caseira e da filha Adelaide que é ella que me escreve e um abraço desta tua mãe Maria Victoria e vem que te

«quero ver já que tu me não queres «ver a mim...»

Este trecho de carta embrulhava a mumia resequida e auriluzente d'um minusculo beijaflôr, que n'um pateo do *Portugal pequeno* eu comprei a um patricio meu industrioso e pobre.

O Portugal pequeno!

Talvez este apodo de restricta vulgarização, vincasse propriedade aquando da revolta chamada dos candieiros, sar-

rufusca popular de ha poucos annos, por motivo da vaccina obrigatoria, e em que mais pareceu esforçar-se a colonia pobre portugueza.

Ha para os lados da Saude, a noroeste d'um dos extremos da Avenida Central e entre o morro da Conceição e o da Providencia, pateos de vida commum, tendo da antiga ilha e do antigo cortiço, e que hoje mais saneados, com obrigações de hygiene e assidua vigilancia sanitaria vão já dando pelo pomposo nome de avenidas.

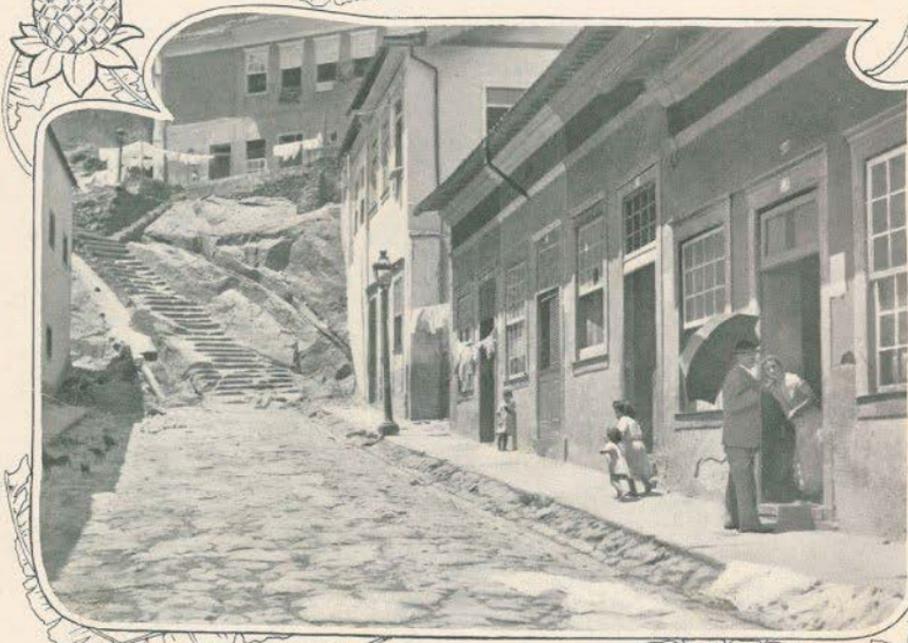
Avenidas chamam-se, no Rio, aos mais modernos e bem construidos d'estes viveiros humanos, enfileirados, de ordinario, ao longo de uma rua commum particular e dando por um portao para a rua publica.

Mas foi do *Portu-*

Oh! a nostalgia dos *cavadores!*

Na opulenta cervejaria *Brahma* ha um creado que me serve e a quem um patricio *vagabundo* increpa sempre com a injusta e desdenhosa phrase: «na minha terra...» Certo dia em que o desespero d'esse deslocado lhe deu para mais berrar a irritação e vociferou:

—Olha! oh! tu... Sabes como se fazem torradas... na minha querida terra? —o creado sorrio, enterrou o queixo bem rapado na mão fechada e acamardou comnosco, com duas contas de lagrimas nos olhos transmontanos:



Para o morro da Conceição

gal pequeno que aquelle trecho de carta me proveio e com elle a mestissima lembrança do que esses pobres soffrem apesar de lhes empanar a saudade o caustico trabalho e a rusticidade que tanto callejam o sentimento como uma crosta insensivel forra e protege excitabilissimos nervos.

Oh! a nostalgia dos *cavadores*.

Como eu vi, cheio de tristeza, o gesto d'um carregador a apontar-me na direcção do fundo da bahia, d'esse esmalte encantador do Guanabara, o ponto provavel, longe, inatingivel, onde, sob a mesma calote do ceu—lá estariam á noite, e noite asphyxiante, as tres Marias da Orion e o pingente luseira da Sirius!—onde o seu grande Portugal respirava aquella hora... sem suar!

—E' essa tambem a minha querida terra!

E todos tres, como n'um levantar a Deus, engulimos em falso uma solemnisssima saudade!

Dizer que o Rio pobre é todo de gallegos seria injustiça maxima feita aos fluminenses. A palavra *gallego* usada para deprimir portuguezes e com o ar deprimente com que os portuguezes se pronunciam em Portugal, é já de si *portuguesmente* injusta.

Pronuncial-a é ser portuguez por-



a gostosa jaca abunda. E ainda uma casa ou outra de negocio, sustentando tradições, vae consentindo á mesa commum o vagabundo que nenhum emprego colhe!

— Fon-fon, Cáreta, Ni tiss, Tico-tico, Malhó...

Perceberam?

E todavia é portuguez e portuguez berrado no bulício da rua.

— *Dobra quarta esquerda. Quarta columna a sahir. Prompto Fiquim segunda centro. Dobrou uma quarta esquerda.....*

Ainda não perceberam?

que é fallar portuguez. Portanto nem é insulto que valha essa alcunha dada ao portuguez trabalhador. E vae por isso desbotando já.

Mas o Rio pobre se é feito d'esse trabalhador europeu e d'um resto asiatico, que amiudo vae amealhando, e amiudo vae rebentando, é tambem feito do *vagabundo* (vadio) engratado, especie repetida de creaturas emigradas e que aqui vieram á babagem d'um emprego que não exija aptidões, como se este Rio fôsse uma repartição publica portugueza; e é sobretudo feito do mul. to to e do creoulo da Favella e outros bairros tragicos. E comtudo o Rio pobre... não pede em geral esmola. Ha recursos de alimentação. Nem o indigena precisa sahir á sua conhecida floresta onde

E' sabbado, snoitece. Já na rua do Ouvidor o movimento morre ao fulgar das primeiras luzes da Avenida Central. Teem os *bonds* maior animação. O estrepitar dos *autos* é continuo. Ha nuvens de vapor envolvendo as deusas cariocas no triumpho do seu carro almofadado.

A costureira abala do trabalho, com a malinha de couro ingleza que aqui substitue o cabaz de verga da costureira alfacinha.

E este fim de dia e este começo de noute, são tambem, no crepusculo encalmado, bem impregnados do mysterio que em todas as grandes cidades, e a esta mesma hora, scan-



1—N'um pateo. 2—Cyregadores na Alfandega



Aqueducto da Carioca

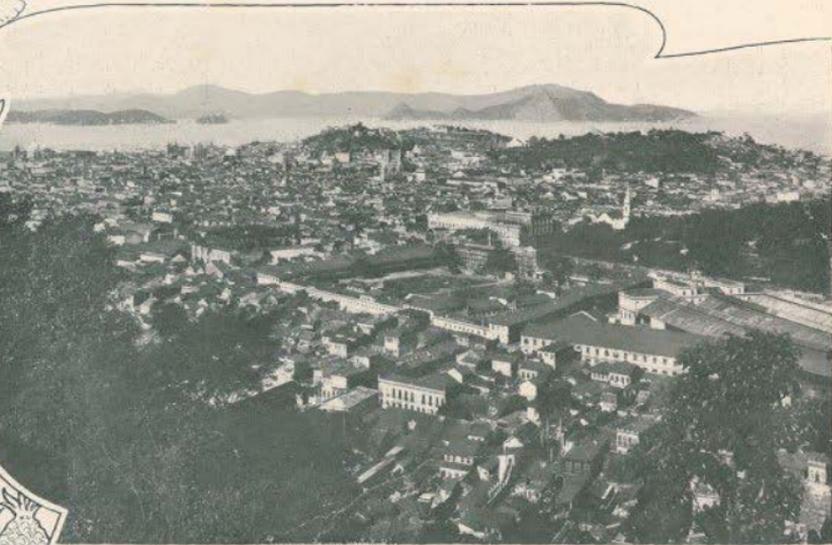
da e divide a Vida. Mais que a manhã com a monotonia dos seus inevitáveis affazeres, desde o abrir dos olhos té ao calçar das meias, e decerto mais que a hora sabida do repouso desde o provavel descalçar das meias té ao cerrar das palpebras, esta hora marca uma vida nova, sobretudo para o caminheiro que a ouça em plena rua, entre a chusma, na aurora das primeiras montras chamejantes, ao dardejar dos primeiros pharoes das casas de

do Ouvidor a bocejar e o hotel Avenida onde sob um extenso alpendre e em pleno passeio da rua os *bonds* fazem estação.

E é n'esse pedacito de rua que dois, tres, sete garotitos teem o seu pregão característico de jornaes:

— *Fon-fun, Cáreta, Notiss, Tico tico, Malhó.*

Fon-fun é o som da busina do automovel, o *pó-pó* portuguez, mas evidentemente, dado o som cavo da gaita avisadora, mais onomatopaico. E' (como o *O Malho* e *A Careta*) um jornal de caricaturas.



Grande vista panoramica

prazer e dos carros d'aventuras, e na passagem dos primeiros corações que esperam sempre as trevas para fazerem luz em outros corações. E é quando o formigar da rua do Ouvidor desaparece.

As borboletas então descem dos muros a queimar as suas azas multicôres e

Notiss estão bem vendo que quer dizer *A Noticia*, e *Tico-tico* é o titulo de um jornal de creanças e nome de gorgeiante passarinho.

Este pregão dos jornaes com o implorar terno dos vendedores de balas (rebuçados):— *bala... bala... baléro... bala* — com o rufar, n'uma caixa de folha, dos vendedores de doces, e com o roçar aspero d'uma lamina dentada na pedra do reboło dos amo-

ladores, são ruidos, pelos quaes o primeiro homem voador que uma tragedia de aeroplano aqui atire perdido—e que aqui já tenha estado—reconhecerá a terra carioca.

De resto são bem os pregoes e os ruidos da rua a voz d'uma cidade. E inconfundivel voz!

Quantas e quantas vezes o meu amanhecer de judeu errante, sempre turvo e confuso, tem sido por essa voz avisado e elucidado para o primeiro bocejo ou para o primeiro sorriso!

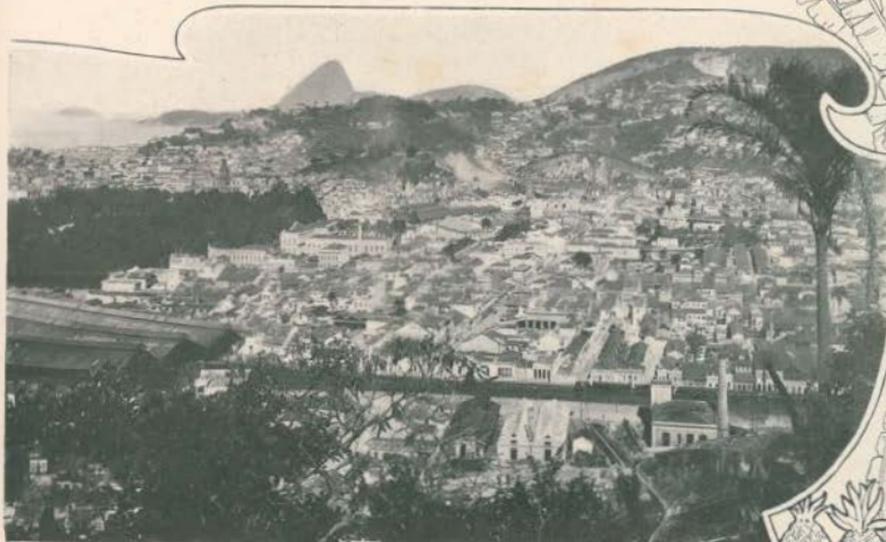
Ainda n'esse trecho da Avenida Central ardem, em pyras de graça e riqueza, os trajeres das mulheres nas montras grandes, tão grandes como armazens. Faisca em mostruarios cegantes a polychromia dos frascos de perfumes. Os cinematographos annunciam, vermelhos, as suas tragedias. Os cafés escancaram as boccas dos seus tuneis de luz.

Dentro d'um d'esses cafés por onde todo o carioca passa—O Jeremias—o café é rapidamente vertido em chavenas já dispostas sobre pequenas mezas de marmore e custa por chavena 100 réis, a minima



Quitandeiros (vendedores de hortaliça)

«*Prompto Fozim segunda centro*», quer dizer que o freguez que se sentou na segunda meza do centro já bebeu o seu calix de genebra pagou e vae-se embora. E este outro: «*Dobrou quarta esquerda*», significa que na quarta meza do lado esquerdo ha um bebedor em vias d'engorgitar uma segunda chavena de café. Um *quebra* meu amigo (*quebra* pôde muito bem querer dizer patusco) chamava a este serviço: serviço falado... á machina de escor-



do Rio de Janeiro

(Cliché de A. MALTA).

quantia esportulavel, e portanto moeda indivizivel! Mas tal simplicidade de serviço—analoga nas dezenas de casas de café que tem o Rio e onde o café se toma a toda a hora e tão rapidamente como quem bebe um golo de agua—é no Jeremias pretexto para um berreiro dos creados, berreiro de resto registrador e portanto administrativamente justificado. E assim é que este aviso gritadissimo:

rer café. Eu ri-me sempre muito, não sei porquê, do dito—fazia na occasião muito calor—mas sinto-o agora complexo e dissaborido.

Este Jeremias, a cervejaria *Brahma* (sob o alpendre dos *bonds*, nos baixos do hotel Avenida), qualquer esquina da

rua do Ouvidor e certas pastelarias de nomeada onde a horas certas, camadas definidas da sociedade carioca se revesam e dessentam, constituem accentuadíssimos mentideros onde a intriga sopeteia na vida indigena com a mesma desfaçatez com que os paspalhos da Havaneza de Lisboa enxovaiham a folha corrida de quem passa... só de para ella olharem.

E' mundial!

Novembro 23.

Os serviços officiaes, mesmo em massa cerrada, o avanço de uma numerosa banda para uma festa, o ataque a um incendio, o soccorro da guarda policial á transformação d'um botequim em *frege* ou a qualquer facada proveniente d'um envenenado *bate bocca*, a assistencia ao primeiro *machucado* (magoadado, atropellado) são em geral feitos e prestadiamente feitos em magnificos automoveis.

Um caso d'esta noite, profundamente americano, bem merece que o mencione, por ser estranho para a minha sensibilidade de pesado e lento europeu, e iniciar-me vantajosamente n'uma fórmula de soccorro, de maneira a não morrer de pavor se commigo se der analogo episodio.

No cruzamento da rua do Rosario com a avenida Central, gente accorre e rodeia um automovel. Increpa um *motorista* (*chauffeur*). Deduzo que uma mulher foi atropellada. No meio do borborinho ha quem



seja a favor do motorista. A maioria é sempre adversa a todos os motoristas.

Um moço alto, pardo, esguio atreve-se a dizer que *viu*.

— Viu o que? cresce uma voz.

— As rodas passaram, vinte metros por cima da mulher (*sic*).

Um policia intervem:

— Então acompanhe-me á *délegacia* (a delegacia é a esquadra).

Logo o alto se esquivou:

— Mas si contra mim qui vou dizer qui vi, vão tres contradizer qui não viram!...

— Mas viu o que? outro insiste.

— A mulher *machucada*...

— A mulher *machucada* todos viram, isso é *logico*. Está ividente qui a mulher si *machucou* — chasqueia



1—Um antigo paten. 2—Na Saude

um empolgador de multidões.

Ha gargalhas. E o agente sizudissimo implora testemunhas.

Alguem berra:

— O direito é prender o motorista... em flágrante...

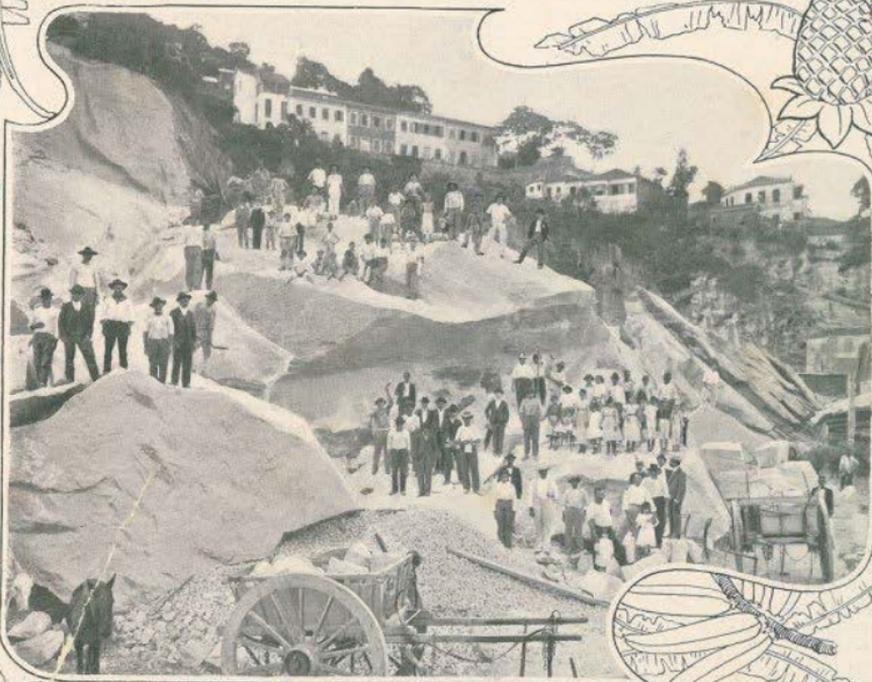
Este flagrante, mesmo depois do acto committido, é, pelos modos, indispensavel como classificação da culpa para a culpa ser com difficuldade perdoada. E' tambem mundial!...

Deixo perplexo o *policia*l. Atravesso

lada está. Um silencio tragico de minutos. Outra vez a maca sae. E sobre ella, estendida, uma velha mulata desgrenhada a quem já raparam um pouco de cabello aperta com ambas as mãos a cabeça do-rida, e geme, um gemido surdo continuo, arripiante. Rapidamente é metida no carro. E de novo espavento, branco, com uma velocidade... cinematographica... dispara com urros enormes do sonoro *fon-fon*, pela Avenida fóra. A cem metros ouço um tiro.

Foi de certo um pneumatico que estoirou. Mas a bala segue sempre ululante, fedorenta, voadora!

Se a creatura que lá vae dentro



Exploração d'uma pedreira

(Cliche de A. MAUTA)

a rua e vou-me ao lado opposto, onde outro montão de gente fervê e tagarella, em frente a uma drogaria.

Um *auto* da assistencia chega a toda a velocidade. Espavento, branco, a bandeirinha da cruz vermelha, com um cantito patrioticamente verde, retesa á frente no alto ao rasgar do vento. Estaca. Abre-se-lhe a porta posterior, e é um canto de sala branca de operações que entrevejo no espaço pequenissimo d'um camarote de bordo: duas macas d'arame como dois beliches, brilhos de porcelanas, tubos de borra-cha serpentes, vidros, metaes.

Sae uma das ma-

não morre de susto no meio de tanta angustia... é porque só tem que morrer d'uma outra vez... ou já está habituada ou iniciada... como eu d'esta feita me iniciêi para quando a minha vez chegar.

Procuerei no dia seguinte nos jornaes menção do caso, na bisbilhotice, já se vê, dos commentarios.

Sem importancia de maior apontava-se apenas como ligeiramente machucada uma senhora par-da, viuva, moradora na Cidade Nova, e que recolhera a sua casa já por seu pé, tendo cumprido a Assistencia o seu dever. E dever caro... no penso, em gazolina, e camaras d'ar!



Um começo de incendio, certo dia, tambem me proporcionou o vêr a chegada triumphal d'um piquete de bombeiros, apeando-se de automoveis vermelhos e dourados e avançando ao ataque sempre heroico a toques de corneta disciplinarissimos e originaes. São toques que por vezes contém impetos e mandam avançar n'um *marche-marche* bem regulado as linhas de porta mangueiras e porta machadas. O caso foi para mim encantador porque d'esta vez não ardeu, como aqui é sempre provavel, todo o *commodo*, e apenas houve a pesquisa interior dos destroços feitos por uma fita cinematographica em labaredas. Vi pois um exercicio, mas comprehendido como se fosse um seriissimo caso, pela forma como o avanço se preparou, regulou, estugou, até ao estender das mangueiras e o arvorar das escadas.

Por feito de construção e por efeitos de temperatura (eu tenho no meu quarto á noite 30 graus de temperatura, e se de dia, a medo, com receio de me esaldar, estando o thermometro ao sol logo o vejo marcar 50 graus centigrados) é em todo o caso corrente que o

predio onde o fogo medra, por completo se carbonise, mas facil é tambem o calcular que trabalho insano não será preciso para, sobretudo na parte antiga da cidade, proteger e salvar os predios contiguos e fronteiros, ainda na aco-gulação resequida e mirrada da sua antiguidade.

Mas todo este referver de progresso, o aproveitamento dos melhores recursos com que a sciencia ajuda a Vida, tudo isto é, sem duvida alguma, *americano*. E a febre de melhoramentos que nos' dois ultimos terços da passada decada começou a transformar o Rio tambem sem duvida alguma provem d'uma especial excitação, nada latina, e inexplicavel sem a integrar n'uma evolução da raça onde recursos de energia agora rebentam, no capitoso ar da *America*, rubros e floridos como nos galhos secos d'uma pláia assim que a primavera sorri, uma poeira de mosto como por encanto entra de arroxear.

Rio de Janeiro.

ARNALDO
FONSECA.



1—Uma Avenida. 2—Um bonfim nas ruas antigas do Rio (Cliches do autor)

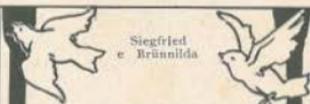
WAGNER

EM S. CARLOS

III «SIEGFRIED»



WAGNER: SIEGFRIED. — S. CARLOS: SIEGFRIED. — S. CARLOS: SIEGFRIED. — S. CARLOS: SIEGFRIED.



Siegfried
e Brünnhilde

Principaes motivos de Siegfried:

- 1—A alegria de viver; 2—A harmonia da natureza; 3—O desejo de viajar; 4—A viagem de Wotan; 5—O poderio dos deuses; 6—A espada; 7—A alegria de vencer; 8—Falar; 9—A loucura da vingança de Brünnhilde (que se desenvolverá no Crepusculo dos deuses); 10—A presa; 11—A alegria de amar; 12—A herança do mundo; 13—A alegria paterna; 14—Saudação ao mundo

«Que esses labios, que tão alegremente cantavam a gloria dos heroes, emmudeçam; que esses olhos, que tantas vezes beijei com felicidade e cuja vista tantas vezes me confortou nas horas de tristeza, para sempre fiquem cerrados para o deus



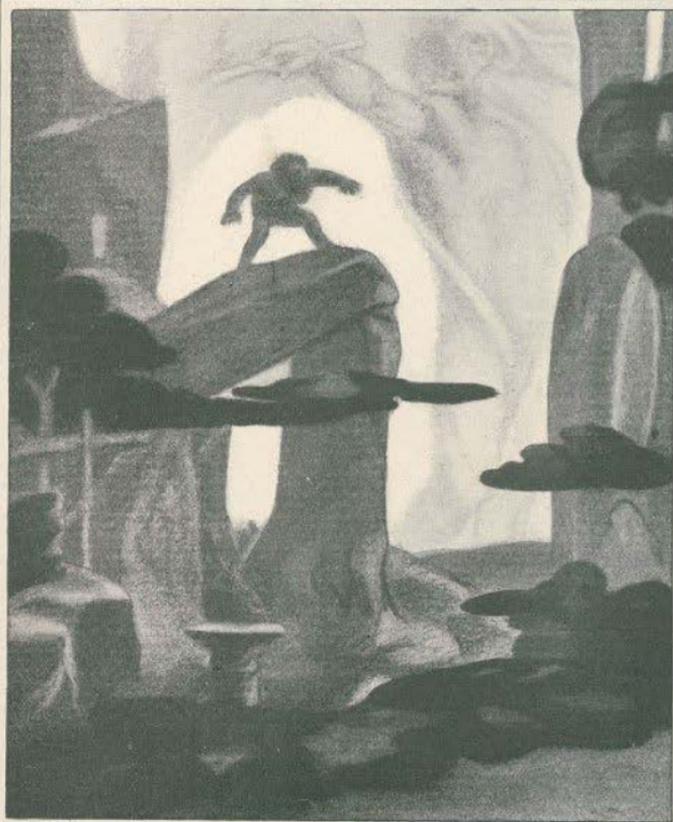
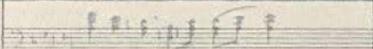
NOCH HÄLT MEINE HAND
 DER HERRSCHAFT HAFT,
 DAS SCHWERT DAS DU SCHWINGST,
 ZERSCHLUG EINST DIESER SCHAFT:
 NOCH EINMAL DENN
 ZERSPRING ES AM EWIGEN SPEER!

Wotan no «Siegfried»

eternamente desgraçado e só se abram para o venturoso mortal que venha conquistar-te.»

Assim falou Wotan a Brünnilda, a mais querida das Walkyrias, antes de, por castigo da sua desobediência, lhe arrancar n'um derradeiro beijo a essencia divina. E logo Loge, o deus do fogo, veiu e circumdoud de chammas o logar onde a virgem guerreira ficou esperando adormecida que um heroe humano viesse desper-

tá-la para as luctas do amôr com os seus momentos de prazer enebriante e as suas longas horas de dôr e de amargura. Esse heroe iria ser Siegfried, o filho prestes a nascer de Sieglinda quando esta, fugindo á colera implaçavel do rei dos deuses, se refugiou na floresta onde o gigante Fafner fruia a posse do seu Ouro. E com Brünnilda adormecida, rodeada de chammas, e Sieglinda defendendo, através da floresta, o fructo do seu amôr de incesto



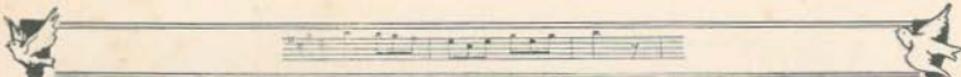
DEIN VYGEISSES HAUPT VYAHRE
VON HVT: VERFALLEN LASS: ICH:
ES: DEM, DER: DAS: FÜRCHTEN: NICHT:
GELERND.

Alberich no «Siegfried»

se cerrou a acção do drama lyrico dos Nibelungen quando o pano cahiu sobre o terceiro acto da *Walkyria*.

Segue-se *Siegfried*; e esta jornada do drama tem por titulo o nome do heroe, filho de Sieglinda e Siegmundo, que, unindo os pedaços da espada de seu pae, consegue a arma invencivel que

lhe dará a posse do thesouro maldito. Quando Siegfried nasceu, sua mãe Sieglinda, moribunda, entregou-o aos cuidados do Nibelung Mimo que logo pensou em educar o heroe de modo a utilisal-o para matar Fafner e apossar-se do anel. Debalde porém Mimo procura soldar os pedaços da espada, do *Nothung*,



Siegfried na floresta

a arma prestigiosa que tornará indomável o guerreiro que a possuir. Wotan, encontrando-o na floresta, quando, tendo renunciado á defesa da sua raça ameaçada, passava, qual peregrino sem norte, através do mundo a sua dôr, diz-lhe que só conseguirá soldar os pedaços da velha arma de Sigmundo aquelle que não tiver medo. E esse é Siegfried, que facilmente executa a sua obra cantando. De posse do Nothung, Siegfried vai matar o gigante, enquanto Mimo, astucioso, prepara uma bebida envenenada que logo a seguir á victoria matará o vencedor. Fafner apparece ao heroe sob a forma de dragão e é tendo-o n'essa forma sob o dominio do seu ferro que Siegfried lhe atravessa o co-

ração. Sobre a espada ficam algumas gotas de sangue que Siegfried leva aos labios e, por mysterioso effeito d'esse sangue, o joven heroe aprende a comprehender o canto das aves da floresta, que o avisam das tramas do gnomo e lhe revelam o mysterio do Oiro de que elle vai ser agora o senhor. De posse do anel e do elmo, cubiçado no momento por Mimo e Alberich, Siegfried, avido d'amôr, segue radiante a avesinha que o guia ao rochedo onde Brünnilda adormecida o espera. A meio do caminho, encontra Wotan, que lhe intercepta o caminho. A espada de Siegfried quebra a lança do deus e, chegando junto da Walkyria, o joven heroe desperta para o mundo com um beijo d'amôr.

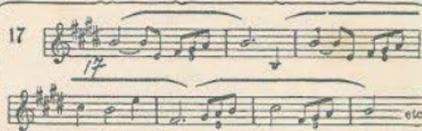


Em vão, a Walkyria, bendizendo o seu libertador, tenta defender ainda a sua virgindade. Emfim cumpre-se o destino marcado pelo deus: o amor começa já a dominar-a. Siegfried diz: «Elle pertence-me, para

todo o sempre, meu bem supremo, unico e absoluto.» E Sieglinda responde: «Elle pertence-me, para todo o sempre meu bem supremo, unico e absoluto.» Os dois exclamam: «— Chamma d'amôr! alegria da morte!» E cae o panno.

A maldição do Oiro produzirá porém ainda os seus efeitos. Jámais o seu dono poderá fruir impunemente o doce bem do amôr. Entretanto Brünnilda, a Walkyria divina, a filha dilecta de Wotan, aquella que com suas irmãs povoava o Walhall dos heroes mortos que defenderiam a raça dos deuses que a maldição de Alberich precipitava n'um aterrador declínio, Brünnilda, que cavalgava no seu corcel de combate, protegida pela armadura brilhante, vedando o seu casto corpo aos olhares dos profanos, acordava ao beijo de Siegfried transformada em simples mulher que o soberano amôr domina e o desejo chammejante inflama. E' um paladino da divindade que deserta. Erda tinha razão. Os fados cumprem-se. Aterrador, mas fatal e inevitavel, aproxima-se o *Crepusculo dos deuses*.

PAULO OSORIO.



Acto III do *Siegfried*: Evocação de Erda (reprodução de uma lithographia da Fantin-Latour)
15—Saudação d'amôr; 16—A embriaguez do amôr; 17—A paz; 18—A decisão d'amôr

UMA FESTA NA LEGAÇÃO DE HESPAHANHA



Uma das mais elegantes festas do ultimo carnaval foi, sem duvida, a *matinée* infantil que se realizou na legação de Hespanha, organizada com o mais fino gosto pela sr.^a condessa de San Luis, e que revestiu um tão distincto cunho de encanto, pela selecção e riqueza dos costumes dos pequeninos convidados, pela inextinguivel alegria juvenil que sempre a animou e pela sua distinctissima assistencia aristocratica.



Os juvenis convidados da sr.^a condessa de San Luis que tomaram parte na quadrilha e no cotillon infantil dançados na festa da legação de Hespanha no dia de carnaval. (Clichés de NOVARA)

TABORDA



Francisco da Silva Taborda
(Cliché de ARNALDO PONSECAL)

Taborda morreu com 85 annos, e ha 63 que entrára para o theatro, começando a sua carreira, tão longa como gloriosa, em uma pequena casa de espectaculos, que, no mesmo sitio, substituiu um humilde circo de arlequins e precedeu o actual Gymnasio. Viera de ao pé dos caixotins typographicos para a scena, aos 22 annos de idade, e dentro de pouco, por uma espontanea aptidão natural e pela grande paixão constante pela sua

arte, começava a revelar-se o actor muito superior que o tempo havia de completar, fazendo d'elle o grande comediante que tanto honrou o theatro nacional. E nenhum outro, como esse bondoso velho, foi tão querido e amado das platéas, mais preferido do publico, com maior enthusiasmo applaudido. Durante o largo transcurso de meio seculo Taborda conservou a mesma aura de popularidade, que nenhum triumpho estranho conse-



A ÚLTIMA VISÃO

No supremo instante em que a vida se esvae, Taborda terá tido talvez a visão dos seus triumphos, percorrendo o seu espirito, prestes a desprender-se da terra, esses sessenta annos de gloria, despedindo-se d'essa legião de figuras que o seu talento fez viver



guiu fazer diminuir. Elle foi bem, n'este sentido, o maior actor portuguez, aquelle que teve um nome mais celebrado no paiz inteiro, e que continuava mantendo o mesmo brilhante prestigio apesar do seu arredamento do palco ha bastantes annos.

A saída do feretro da casa de Taborda (*Cliché* de BENOJIBL). — Diversas mascaras do grande actor aos 80 annos, representando a photographia em baixo, ao centro, a sua caracterisação no *Zé Palomo* (*Clichés* de BOBONRE).

Victorina Galamberti



Victorina Galamberti é a primeira bailarina de S. Carlos e sem duvida uma das mais admiráveis artistas coreographicas da actualidade, não só pelo seu talento incontestavel, como pela graça e gentileza da sua mocidade radiosa. A sua dança é um verdadeiro encanto, impecavel sempre de correcção, de uma precisão rigorosa em todos os meneios e gestos, sem deixar, por esse escrupulo de todos os preceitos e regras da arte, de ser cheia de originalidade e essencialmente espirituosa.

Quem leu já a pagina maravilhosa, que esse assombroso musico e colorista do es-

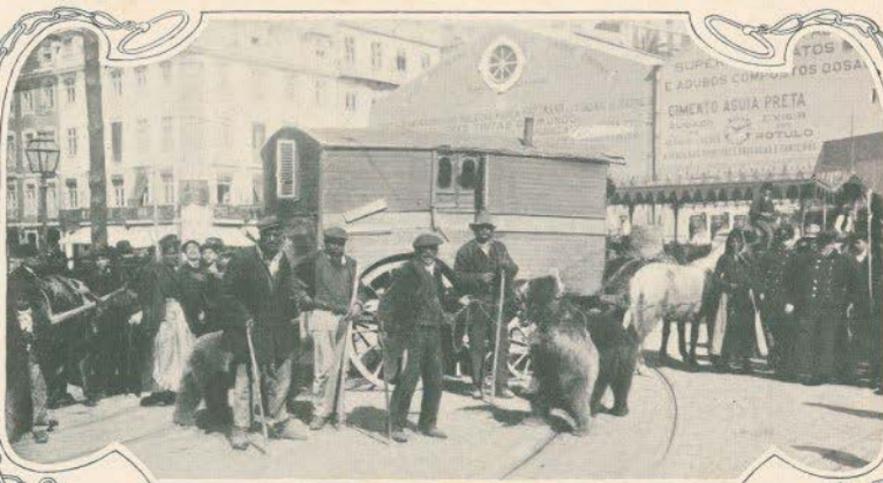


tylo que foi Barbey d'Aurevilly consagrrou a uma outra dançarina, a Bazzochi, encontrará n'ella mais de uma elogiosa amplificação applicavel a Victorina Galamberti, nova tambem como a outra, pois a primeira bailarina lyrico, apesar de uma carreira riosos triumphos, não tem ainda annos. Não deve, pois, ser mo admiração a fórma por que o acolhido a graciosa bailarina cesso entusiastico por ella con *Illustração Portuguesa* com o socia tambem, porque Victori realidade uma excepcional va de um modo glorioso a mais bellas e suggesti ther.

do nosso theatro já enflorada de glomais que dezenove tivo de qualquer nosso publico tem italiana, nem o succuistado, e a que a maior gosto se asna Galamberti é na dançarina, que eie-sua arte, uma das vas artes da mu-



FIGURAS E FACTOS

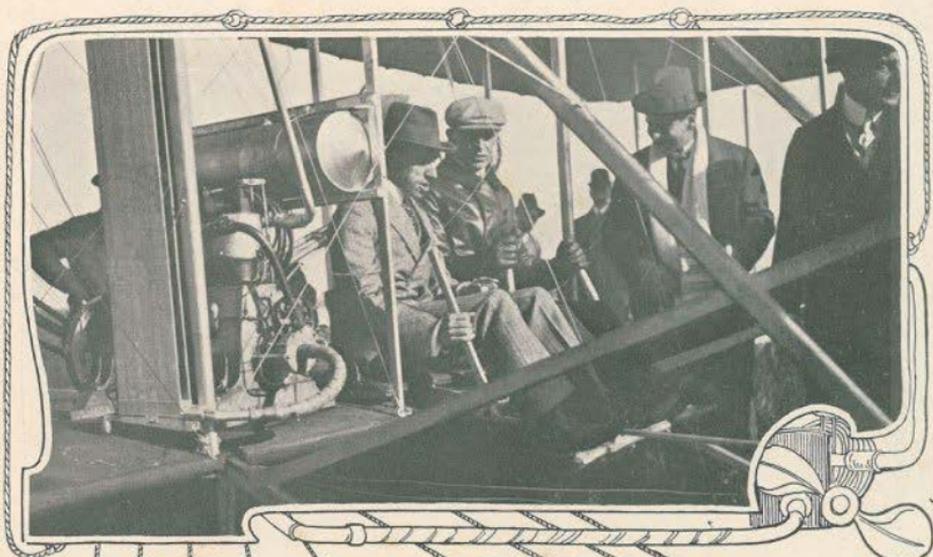


Lisboa já não via, nas suas ruas, ha bastante tempo, ciganos conduzindo ursos amestrados, pobres animaes tropegos e esfomeados, que nem por isso deixavam de entusiasmar o rapazio com as suas lentas evoluções e habilidades.

Viu-os, ha dias, acompanhados por alguns bohemios servios pertencentes a um acampamento que se acha actualmente estabelecido nas immediações de Sacavem, mas a policia impediu logo a exhibição na cidade.



1—Os ciganos servios com a sua casa volante no Caes do Sodré
2—Dois dos ursos amestrados fazendo os seus exercicios
(Clichés de BENOLIEL.)



(Cliché do NUNO MUNDO)

D. Affonso XIII visitou recentemente, em Pau, as installações do famoso campeão norte-americano da aviação Wilbur-Wright. Anunciára-se mesmo que o soberano hespanhol faria uma ascensão no seu aeroplano, mas o facto não se realisou.



UMA JOVEN AMAZONA.
— Na festa recente realisa-
da no Colyseu dos Re-
creios em beneficio das
victimas dos terremotos
da Sicilia e da Calabria,
um dos numeros do pro-
gramma que causou maior
sucesso, despertando
principalmente o intere-
se e o merecido enthu-
siasmo dos entendedores,
foi o primoroso trabalho
de equitação em alta es-
cola, apresentado pela
gentil filha do illustre
professor sr. D. José Ma-
nuel da Cunha Menezes.
A admiravel cavalleira,
que tomou parte no sa-
rau a convite do sr. in-
fante D. Affonso, seu or-
ganisador, conta apenas
12 annos de idade.

A menina D. Maria Manoela da Cunha Menezes,
filha do distincto professor D. José Manoel da Cunha Menezes,
no seu cavallo *Bontempo*.
(Cliché da PHOTOGRAPHIA VASQUES).

A INVERNIA D'ESTE ANNO · UM NEVÃO · EXCEPCIONAL ·



*Em Abrantes; Aspecto do nevão, semio curioso
o que apresenta as terras do mercado local
(Clichê do amador SR. ADOLPHO H. FERNANDES)*

Os dias de rigorosa invernia que assignalaram a entrada d'este mez foram iniciados por um grande nevão, que, no dia 1, caiu em muitas localidades do paiz, dando ás arvores e aos telhados, aos campos e ás ruas, com o vasto lençol alvo, que por toda a parte desdobrou, um aspecto desusado, de um excepcional effeito pittoresco, especialmente nas nossas regiões montanhosas. O espectáculo, raro em Portu-





Em Alter do Chão: 1—Depois do nevão. 2—Um clichê tirado na ocasião em que estava nevando tirado depois do nevão.

(Clichês do amador SR. ANTONIO RODRIGUES BRAZÃO).

gal, era lindo, e causou legitima surpresa pela sua novidade; mas, infelizmente, os prejuizos causados

por essa tempestade de neve foram, em alguns sitios, de relativa importancia.



A MORTE DO DUQUE DE LOULÉ

Com a morte, quasi inesperada, do duque de Loulé desapareceu um dos mais nobres e sympathicos fidalgos portuguezes, que tinha, pelo pae, o primeiro duque do mesmo titulo, sangue dos senhores da Biscaya, e pela mãe, a infanta D. Anna de Jesus Maria, era parente da casa real; mas que pelas nativas qualidades de affabilidade e pelo desprendimento do seu trato mais parecia um democrata, tendo assim conquistado o affectuoso e incondicional respeito de todos.

D. Pedro Agostinho de Mendôça Rolim de Moura Barreto, segundo duque e terceiro marquez de Loulé e decimo conde de Valle de Reis, nasceu a 7 de outubro de 1830, contando, portanto, pouco mais de 78 annos quando agora falleceu. E a sua apparencia solida e vigorosa, um certo ar de verdura que conservava na sua velhice, não faziam prever tão approximado o desfecho fatal que acaba de produzir-se.

O duque de Loulé era general de brigada reformado, par do reino, estribeiro-mór, mordomo e veador da rainha D. Maria Pia, e possuia diversas condecorações nacionaes e estrangeiras. Viveu sempre afastado da politica, pela qual parecia manifestar até uma certa repugnancia. Foi um dos fundadores da Real Academia dos Amadores de Musica.



O sr. infante D. Afonso ao chegar ao palacio da Quinta da Praia, para tomar parte no funeral, é cumprimentado pelos sobrinhos do sr. duque de Loulé

(Clichê de BENJELI).



Carnaval de Nice!...

Nas imaginações estas syllabas vibram como as notas d'uma

dos de subito de tudo o que os rodeia, avistam, sob o esplendor do ceu da Provença, á beira do calmo espelhamento do Mediterraneo, em cujas vagas os raios solares se quebram em miryades de faulas e de contas d'ouro, a prestigiosa capital da Côte d'Azur, a branca e molle cidade das flôres e dos sorrisos, da convalescença e do luxo, do sol e da vaidade, continuamente em festa, com as suas equipagens, as suas toilettes



Sua Magestade o Carnaval XXXVII

fanfarra, fazem ferver o sangue e electrizar os nervos.

Pronuncial-as é evocar logo, n'um rutilamento alegre, n'um charivari de tintas phantasistas, esses cartazes de Cheret ou de Mucha, que nas paredes fumosas de Paris, sob a chuva, atravez da nevoa, nos levam de repente a alma, como um passaro solto, para as claridades d'outros ceus, d'outros horisontes d'azul, de sol, de feeria...

Encantadamente, os nossos olhos, alhea-

mundanas, as suas mascaradas deslumbrantes...

E de Paris, dos quattros cantos da França e do estrangeiro, de todas as terras tristes da lama, da neve e da bruma, logo que esta data se annuncia no Calendario dos Ricos, os sleepings, os expressos, os trens de luxe, como os da comedia goaillense, de Abel Hermant, atulhados de intrigas e de vicios, de idyllios e de aventuras, atravessam, com a velocidade do desejo, a Europa in-

teira, transportando a humanidade elegante, que de Cannes a San Remo povoa todas essas villas new-style banquejando entre jardins floridos e laranjeas douradas, ao longo da Riviera—este paraíso dos millionarios... e dos *rastaquouères*, dos *snoobs*, dos aventureiros e das *cocottes*.

O *Tout-Europe* muda temporariamente de nome, e torna-se o *Tout-Riviera*. Especialmente durante este frio feveiro, aqui tão suavemente morno, não ha um lugar vasio n'esses immensos Hotels-Palaces de quinhentos quartos, ou nas innumeraveis *pensions*, *meublés* ou *boarding-houses* à ingleza, à americana ou mesmo à allemã, que fazem de Nice uma colossal Casa d'Hospedes—o formidavel Caravensarail dos hibernantes, dos *jouisseurs* e dos ociosos do planeta.

Desde a noite em que sua magestade o

cre, sonora, vestida de claro, com feltros verdes à tyroleza, ou de vastos chapéus de palha

já enfeitados de flores de primavera, toda essa multidão cosmopolita vae e vem, cruza-se, ri, palra em todos os dialectos pelos *boulevards* em cujas terrasses os tziganos de casacas escarlates tocam as ultimas valsas em voga, á porta dos cafés; pela Praça Massena, sob as arcadas á italiana ou nos jardins; invade os music-halls, o Casino ou o *Palais de la Jetée*; alaga a *Promenade des Anglais* que ergue vaidosamente ao longo da bahia dos Anjos a sua interminavel fileira de hotéis internacionaes; e alastra por toda a Corniche, coalhada de carruagens, de automoveis vertiginosos e buziantes, como uma legião impetuosa que a avidez do prazer atira em cachões espumantes de rendas, de sedas, de plumas, contra essa Cidadella do Ouro e do



O carro da Musica

Carnaval XXXVII fez a sua entrada, Nice triumpha no apogeu culminante, sobre o mesmo Paris que a inveja, todo envolto grissantemente, sob o humiço céu de cinza, na sua pellisse de urso neurasthenico.

↳ Borborinhante, ala-

Azar que é o Casino sumptuoso e vulgar de Monte-Carlo.

Só Roma, Alexandria, Bysancio, as grandes cosmopolis do velho mundo christão, podiam dar ao observador apaixonado esta sensação de vida in-



Carro do theatro antigo e moderno

tensa, condensada, da mistura palpitante das originalidades e das bellezas, das taras e das loucuras, dos costumes e das curiosidades zoológicas ou pathológicas de todos os paizes e raças que aqui se chamam e acotovelam, durante semanas, como n'uma exposição livre dos especimens e dos typos mais definitivos da Humanidade rica da Europa, das Americas, e mesmo da Asia mais authenticamente amarella ou da Africa mais retintamente negra.

Nenhum monarcha das velhas casas historicas do Almanach de Gotha é tão fiel e devotadamente venerado como este!

Os seus trinta annos de reinado são incomparaveis.

Desde esse anno já remoto de 1872 em que o primeiro antepassado, o fundador glorioso da dynastia, Carnaval I, subiu ao throno de Nice entre as ovações mais sinceramente effusivas que tem acclamado um dominador, o fervor dos subditos que elle governa com o despotismo mais absoluto, e no emtanto mais dilecto, tem incessantemente crescido. Nem uma revolução, nem sequer uma dissidencia ephemera! E' o unico monarcha actual que

não precisa de escurar-se, de blindar-se tremulamente de aço, de viver no angustioso pezadelo constante d'um attentado anarchista ou d'uma revolta republicana. Oh! o maravilhoso, o prodigioso reino sem opposições insolentes, sem meetings democraticos, sem manifestações violentas, sem reivindicções da canalha ebria de ideaes...

Um unico partido, o do Regabofe, livre, expontaneo, sem hypocrisias, e, apesar de mascarado, incontestavelmente mais franco que os que se vituperam, de sobrecaçaca ou rabona, nos parlamentos ou nas gazetas, tentando esconder os interesses mais vorazes sob os *travestis* sem gosto e sem phantasia d'esse banal entrudo a serio da Politica.

Gloriosos e magnificos, esses trinta annos, que são o mais alto exemplo da *Sciencia de Reinari*, passaram sem um unico ataque ás instituições vigentes, sem um unico rasgão na Carta Constitucional da Folia, — mais perfeita, de certo, que todas as mais — pois é a menos invocada e discutida.

Antes de ser coroado, no emtanto, este Carnaval hoje tão requintado de maneiras, tão orgulhoso de attitudes, foi um plebeu brutal e grosseiro, cheirando a alho, a suor e a aguardente, como

um carreão. Muitas vezes, a policia, ao alvorecer catholico de quarta feira de cinzas, o encontrou prostrado pela mais ignobil das borracheiras plebeias, sobre o lixo das velhas ruellas estreitas e andrajosas da antiga Nice italiana.

Mas a Civilização, e sobretudo o contagio educativo das elegancias cosmopolitas que elegeram a cidade mediterranea como o mais suave retiro das suas ociosidades ou das suas convescencas mundanas, nos asperos invernos, poliram-no, aristocratisaram-no. Aprendeu as linguas,

endividou-se aos trinta e quarenta em Monte-Carlo e teve uma ligação escandalosa com uma millionaria americana com uma princeza... mais ou menos de Saxe. Tornou-se espirituoso, ligeiro, sceptico, blagueur, um verdadeiro rei de vaudeville. Finalmente, um rei á moderna. Cortezãos habeis estabeleceram-lhe uma pragmatica. Diplomatas experientes organizaram-lhe um Protocolo. Estadistas astutos elaboraram-lhe um codigo e uma Carta. Seguindo os processos d'esses incomparaveis politicos que são os colonizadores britannicos, os ministros do seu *Comité* foram progressivamente eliminando tudo quanto fos-



Outro carro: Um cruzeiro em mar de rosas

Lavou-se. Preparou-se a *white-rose*. Vestiu-se com dandysmo no alfayate do Rei dos Rastás, esse sympathico janota a quem a Liana de Pung chama simplesmente *moy Edouard*. Apurou-se, cortou as pontas do bigode, maquilhou as unhas, leu o *Figaro* e o *Gaulois*, trocou calembourgs com Willy nos bars, applaudiu a Polaire, disse mal da Sarah, ceou com a Otero e com a Emilienne d'Alençon,

se barbaro, sem tocar na tradiçáo dos costumes regionaes do seu povo.

Adaptando-os, desenvolvendo-os, sem que nada perdessem do caracter inicial que constituia a sua originalidade ethrica (em vez de copiar servilmente os dos outros, como certos povos organicamente simiescos), o Carnaval de Nice seguiu as leis eternas da evoluçáo—que não determina apenas os avatares da natureza, mas os da sciencia, os da politica e os da folia. Mais intelligente que os reis de facto, este rei de farça comprehendeu que o melhor meio de governar consiste em orientar para um fim pessoal, de interesse



Um dos carros mais pittorescos: As dificuldades de uma descida de navegação aerea

determinado, todas as forças latentes, todos os instintos obscuros das multidões inconscientes.

E assim, com um tacto absolutamente genial, que Metternich e o príncipe de Talleyrand glorificariam, este monarcha, sem duvida o mais venturoso dos nossos dias, soube atingir esse ideal de todos os grandes conductores de povos:—o supremo poder occulto na suprema transigencia apparente.

Como em todas as sociedades que progredem, ao elemento do instincto, essencialmente popular, foram-se juntando os do luxo, da elegancia, do prazer e do vicio requintado—que são sempre as expressões definitivas das civilizações superiores, sem as quaes não ha sociedade verdadeiramente bem organizada.

Assim, a realza do Carnaval XXXVII é hoje, sem contestação, a de maior prestigio e primazia.

Emquanto os de Roma, de Veneza, de Napoles, e os de Paris do Segundo Imperio declinaram, o seu esplendor augmenta d'anno a anno. As cavalhadas, os carros, as buircadas de espirito, a affluencia de

badands de todo o Universo dão-lhe um realce cada vez mais brilhante. Tudo se reúne, de resto, para isso: a

terra, o clima, e o sol, que é o melhor dos Decoradores: esse sol já italiano, que á beira do mar feericamente azul illumina ao mesmo tempo os laranjaes das margens e as neves dos pinheiraes que erissam es cumes alpinos.

E é por essa gloria de que te nimbas, tão pura de toda a violencia, tão immaculada de todo o crime; por esse culto exponentaneo que inspiras, tão digno de ser louvado, pois se funda no prazer, enquanto tantos outros se fundam apenas no terror e na força, que quando tu surges, Cesar de papelão sobre o teu carro de victoria, espalhando a tua benção mechanica e o teu sorriso de pintado, as multidões te saudam com um ardor desconhecido de todos os teus irmãos em realza.

Salvé! oh monarcha grotesco e sublime! Tu és o mais veneravel dos idolos deante dos quaes a humanidade, na sua necessidade instinctiva de ajoelhar, se curva com mais razão, oh divino Fantoche misericordioso que realisas o milagre mais anciado: o esquecimento da desgraça, da miseria, da morte!

Salvé! Senhor do Riso que ao nosso tedio, á nossa solidão ou á nossa saudade, dás o filtro encantado da illusão! Salvé, oh tu que espalhas com

mãos benéficas um pouco de phantasia, de espirito e de loucura. — essa luminosa loucura fecunda que o sabio Erasmo celebrou e sem a qual este triste mundo seria tão arido, esteril e enfadonho como uma immensa repartição de Estado, povoada de conselheiros.

Quando na terça-feira de cada anno entra no reino das sombras, a tua alma chimerica e folgasá não se extingue com o teu envolucro de seda e cartão. Resurge sob a figura com que d'ahi a um anno, rei morto, rei posto, triumpharás de novo, eterno como a aspiração do homem sob as fórmias transitorias.

E se a tua gloria visivel se revela apenas ao vulgar, durante doze dias, o teu poder é occultamente constante.

Toda essa população de Nice de ti vive, n'um grato parasitismo. A principal

os prestigios da tua realeza.

As grandes casas commerciaes encomendam as maquettes dos carros que nos teus cortejos lhes farão o reclame mais pittoresco. Desde o mais rico ao mais modesto, cada qual passa as noites a conceber a idéa da mascarada, do *travesti* que possa ter mais exito, merecer maior premio, ou da novidade que lhe dará um lucro maior de venda. Os artistas accendem as imaginações ao rubro para crear uma nova elegancia, uma nova futilidade maravilhosamente fragil e inedita, um leque, uma mascara, um plano de carro ou de cavalhada. As mulheres sonham nos costumes que mais gracilmente lhes moldem a harmonia das fórmias ou lhes realcem a côr do cabello, a seda da pelle, o fulgor azul, negro ou louro do olhar.

Mesmo as velhas e as feias só pensam,



Um dos carros de maior successo: *The Kementá's Club*

fonte de receita é alimentada por ti. Um *Comité*, que é o teu ministerio, estuda, prevê, planeia, administra com uma vigilancia incomparavelmente superior á de todos os outros, os bens, os interesses, as prebendas, os privilegios e

bem no intimo, na tua volta, oh Principe Encantador da Transfiguração! Pois é durante o teu reinado misericordioso que os proprios monstros, que no resto do anno inspiram o sarcasmo ou o asco, podem parecer tao elyseamente fasci-

nantes, sob o mysterio do *travesti*, como as que nasceram mais lindas. E até os mais miseraveis, os pequenitos do povo, os tristes aleijados que vivem, como quella manquinha adoravel do romance de Daudet, a sonhar amores, por traz dos vidros d'uma aguafurtada, trabalham e vivem de ti, frisando plumas, pintando ventarolas, fabricando mascaras, cosendo lantejoulas, ou cortando *confetti*—essa poeira multicolor, luminosa, etherea e inutil como a revoada dos desejos dos pobres, que nunca se realisam...

Para que os estrangeiros affluam em progressões

dos *Redoutes* e dos *Vegliones*, das danças, das musicas e das illuminações)—sommam o valor de 50:000 francos, que, traduzidos em moeda lusitana, fariam uivar, decerto, furiosos de economia contra o desperdicio vão, todos os Catões de S. Bento e do Terreiro do Paço!

Aos carros grandes ou pequenos, 25:000 francos; ás cavalhadas, 8:000; aos grupos a pé, 5:900; ás burricadas, 3:500; aos mascarados isolados, 5:400.

Mas, mais que todos estes incentivos officiaes. o que faz sobretudo a incomparavel ani-



A barafunda de um cesto de compras

cada vez mais crescentes, o municipio de Nice, com uma intelligencia que não pôdem imitar os dos paizes onde o poder central os submete servilmente á sua tutella, applicam-se a fazer tudo á grande, e vá o qualificativo habitual, que aqui calha tão bem—*à franceza*.

No último dia do *corso*, são distribuidos diante da Tribuna do *Comité*, na praça da Prefeitura, em presença dos representantes do governo e da edilidade, entre as aclamações do povo, as bandeiras e os premios que, este anno, sommam (sem contar os das equipagens que entram nas batalhas de flores e os dos barcos que entram no combate naval de Villefranche, nem ainda os

mação do Carnaval de Nice—é o povo de Nice.

O antigo povo romano pedia, aos gritos, diante do Palatino e no Forum «Pão e circo».

O de hoje pede o dia de oito horas e ás vezes pede tambem pão. O napolitano, mais philosophico, contenta-se com sol e macaroni. O hespanhol, que herdou a alma violenta dos dominadores sanguinarios, grita, nas praças de touros, por «mas cabal-



O leite falsificado

(Clichés de J. GILBERT)

los». O de Portugal, esfarrapado e humilde, implora apenas, como agora o do Douro, pão, sem se importar com os circos, nem mesmo com o sol. O de Nice, mais feliz, satisfaz-se com o Carnaval — que ao mesmo tempo lhe dá o pão e o prazer.

E' n'esses doze dias de festa que elle manifesta mais livremente a sua exuberancia meridional, com uma sinceridade no bom humor, que não tem realmente igual em nenhuma outra cidade, a não ser Nápoles — onde o ruído é decerto mais vivo, mas não tão esperto.

E' que enquanto nós lamuriamos o *fado*, mesmo quando mais parecemos divertidos, os francezes, que nos chamam n'um verso famoso e idiota «*toujours gais*», entoam a ultima cançoneta, mesmo quando deveriam parecer mais tristes. Mas, se são meridionaes, não se limitam a cantal-a. Mimam-na, gesticulam-na, gritam-na — e dançam-na...

Na Praça Massena, outro dia, no meio da multidão que esperava a chegada do cortejo do Carnaval, uma *midineti*, para matar o tempo, para distrair a impaciencia, começou a trautear, perto de mim, a ultima *creação* do Mayol: *Lison, mon petit rat!*...

Uma outra, ao lado, acompanhou-a, depois as outras

peoas mais proximas. E propagando-se rapidamente, contagiosamente, como um rastilho de alegria, dentro em pouco não eram apenas os que estavam á volta de nós; eram milhares de guellas, cantando em côro:

Lison, mon petit rat
Dis-moi ce que tu voudras,
Dis-moi des follies...
Des polissonneries...

E, n'uma colossal farandola, milhares de braços e de pernas electrizadas acompanhavam, gesticulando e bailando: o rythmo do canto, com tão entusiastico ardor, com uma *fúria* tão «franceza» — como se em vez de ser a *Lison, mon petit rat*, fosse a *Marseille!*...

Ah! o riso, a dança e o canto são affinal os meios mais simples e ao mesmo tempo os mais seguros de desvendar o mysterio da alma do Povo — melhor que todos os da ethnographia — que é de todas as sciencias a mais complexa — exactamente por ser a mais relativa.

JUSTINO DE MONTALVÃO.